

## Abertura lenta, gradual e Segura

*Diante do endurecimento do regime militar, a radicalização política levou muitas organizações de esquerda a escolher o caminho da luta armada.*

1971

Os sul-vietnamistas invadem o Laos com o apoio aéreo norte-americano.

No Uruguai o embaixador britânico Geoffrey Jackson é libertado pelos guerrilheiros tupamaros depois de oito meses de cativeiro.

Os Estados Unidos abandonam a convertibilidade do dólar em ouro.

Eclode nova guerra entre a Índia e Paquistão.

Surge o primeiro microcomputador pessoal, com 8 quilobytes de memória.

Na Argentina o general Alejandro Lanusse assume o poder.

O fortalecimento da ditadura militar encontra a esquerda brasileira num processo que é de crescimento e de fragmentação ao mesmo tempo. O tradicional monopólio comunista sobre a esquerda era coisa do passado. Exemplo disso foi a Ação Popular (AP), que surgiu de um movimento católico de esquerda assim como a Polop, uma organização de esquerda que desde antes de 1964 condenava a política do PCB de “aliança com a burguesia nacional”. Dessa Polop surgiram a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e Colina que, juntas, formaram a VAR-Palmares. Os remanescentes da Polop juntaram-se a uma dissidência do PC do Rio Grande de Sul, e organizariam o Partido Operário Comunista (POC). Havia ainda o partido Comunista do Brasil (PC do B), que seguia a orientação do Partido Comunista Chinês, mas nem por



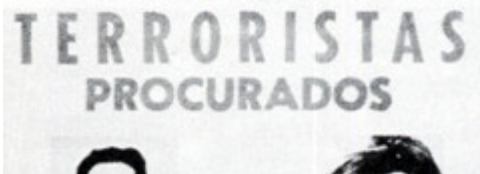
isso ficou livre de dissidências: foi daí que surgiu a Ala Vermelha. Essas diversas organizações reuniam militares dispostos a pegar em armas para desafiar a ditadura militar através de ações que tivessem grande repercussão na mídia, caso dos seqüestros de diplomatas estrangeiros e sua troca por presos políticos. No seqüestro do embaixador norte-americano

Charles Burke Elbrick foram libertados quinze presos políticos. Em 11 de março de 1970 a VPR seqüestrou o cônsul japonês em São Paulo, Nobuo Okuchi, pelo qual foram libertados onze presos. No mesmo ano, no dia 11 de junho, a VPR e a ALN seqüestram, no Rio de Janeiro, o embaixador da Alemanha Ocidental Ehrenfried von Holleben, cuja vida foi trocada por quarenta presos políticos. A última ação deste tipo ocorreu no dia 7 de dezembro, no Rio de Janeiro, quando o embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher praticamente salvou a vida de setenta presos políticos.

Quando o seqüestro era anunciado, todo o aparato do governo ficava de prontidão. Esperava-se encontrar o seqüestro e prender os seqüestradores entre o dia do anúncio da operação e o embarque dos libertados. Isso nunca aconteceu, mas serviu para aguçar a violência do aparato repressivo do governo.

Condenados à clandestinidade, as organizações precisavam de dinheiro para se manterem ativas, com o que recorreram às “expropriações bancárias”, que era como eles denominavam os assaltos a bancos. Essas ações assustavam a sociedade, pois atingiam diretamente a população. No entanto, no final do segundo ano do governo Médici as “expropriações” e, sobretudo, os seqüestros de aviões e de diplomatas foram debelados. De um lado, estava a fragilidade das organizações. De outro, a crescente eficiência da repressão. Nesse caso coube à organização VAR-Palmares a ação considerada mais espetacular da guerrilha urbana: o roubo do cofre de Ademar de Barros, ex-governador de São

Paulo. De acordo com Alfredo Sirkis, então militante desse grupo, a informação a respeito da existência do cofre em um palacete de Santa Teresa foi passada por Gustavo, um



sobrinho da dona do cofre, Ana Benchimol, amante de Ademar. Para a VAR-Palmares, importava apenas que se tratava de 2,5 milhões de dólares valor maior do que todos os grandes assaltos do século até a data, maior até do que o do trem pagador Glasgow-Londres, realizado por Ronald Biggs. O comandante do assalto ao cofre de Ademar foi Onofre Pinto, homem intensamente procurado pela polícia, ligado ao capitão Carlos Lamarca. Foi ele que começou a implantar, ainda em 1970, o foco guerrilheiro do Vale do Ribeira, em São Paulo, que acabou detectado e cercado por 5 mil homens do Exército, da Aeronáutica e da Polícia Militar, operação da qual os guerrilheiros escaparam ilesos.

Enquanto isso as denúncias de arbitrariedades praticadas pelos órgãos de segurança eram feitas por políticos, pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e por associações civis, em notas que eram publicadas ou não, de acordo com o humor da censura.

Mas o programa de obras cobriu o território nacional, em especial pela sua inevitável recuperação internacional. Em 1972 a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) dedicou o ano à realidade brasileira.

### **Ato de Fé**

A igreja organizou um vasto programa de esclarecimento de bispos e sacerdotes sobre a situação social, política e econômica do Brasil.

Dinamizou também comunidades eclesiais de base, encarregadas de discutir os problemas da população. Assim, alguns religiosos, como Dom Hélder Câmara, dedicavam-se a trabalhos em favelas; alguns setores chegaram a defender posseiros no campo, como Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, que foi chamado a depor em 1972. No ano seguinte a CNBB publicou uma edição popular da Declaração dos Direitos Humanos, da ONU.